

FILOSOFIA DOS CÃES E LITERATURA PICARESCA: do cinismo filosófico ao cinismo vulgar

Edelberto PAULI JÚNIOR¹

RESUMO

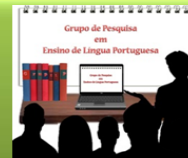
Seguindo a perspectiva aberta pelo Renascimento em seu afã de adaptar as filosofias pagãs ao mundo cristão, podem-se notar traços da filosofia cínica na prática literária de alguns escritores e intelectuais espanhóis dos séculos XVI e XVII. No período, a aproximação com a filosofia dos Cães se dá por meio da sátira menipéia, gênero literário que, ao misturar o sério e o cômico, acaba sendo o precursor do romance pícaro. Como o próprio nome indica, este tipo de sátira tem sua origem nos discursos cínicos de Menipo de Gadara (da primeira metade do século III a.C.), que recebe o crédito de ter inventado a menipéia. Menipo é o mais famoso cínico da Grécia antiga depois de Antístenes, Diógenes e Crates. Para analisar a questão, este estudo toma como referência o romance anônimo *Lazarillo de Tormes* (1554), primeira obra de ficção do gênero picaresco a ser produzida na Espanha. Embora haja uma influência da menipéia na constituição da picaresca, este artigo pretende mostrar como o romance pícaro acaba por inverter os valores do cinismo antigo de modo a substituí-lo pelo cinismo vulgar ou cinismo mundano, forma moderna do cinismo que sacrifica tudo o que é ético pela busca da ascensão social.

Palavras-chave: Picaresca. Sátira menipéia. Cinismo filosófico e vulgar.

1 INTRODUÇÃO

Seguindo a perspectiva aberta pelo Renascimento em seu afã de adaptar as filosofias pagãs ao mundo cristão, podem-se notar traços da doutrina cínica na prática literária de alguns escritores e intelectuais espanhóis dos séculos XVI e XVII. No período, a aproximação com a filosofia dos Cães se dá por meio da sátira menipéia, gênero literário que, ao misturar o sério e o cômico, acaba sendo o precursor do romance pícaro. Como o próprio nome indica, este tipo de sátira tem sua origem nos discursos cínicos de Menipo de Gadara (da primeira metade do século III a.C.), que recebe o crédito de ter inventado a menipéia. Menipo é o mais famoso cínico da Grécia antiga depois de Antístenes, Diógenes e Crates. Para analisar o tema, este estudo parte do romance anônimo *Lazarillo de Tormes* (1554), primeira obra de ficção do gênero

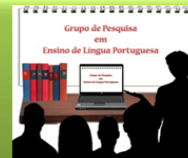
¹ Mestre em Letras (USP) e Professor Assistente do Curso de Letras do Campus de Aquidauana (CPAQ/UFMS). Coordenador do Projeto de pesquisa **A presença do cinismo e do estoicismo na literatura espanhola dos séculos XVI, XVII e XVIII**. E-mail: edelbertopauli@gmail.com



picaresco a ser produzida na Espanha. Embora haja uma confluência entre a menipéia e a picaresca, pretende-se mostrar aqui como este gênero inverte os valores do cinismo antigo a fim de substituí-lo pelo cinismo vulgar que se caracteriza por sacrificar tudo o que é ético pela busca da ascensão social.

O cinismo é um movimento tanto filosófico como literário que se inicia desde o século IV a.C., na Grécia, e que se prolonga até o final do mundo antigo ocidental. Ele recebe seu nome pelo modo de vida muito similar aos cães ou pelo lugar em que se reuniam os filósofos, o ginásio *Cinosargos* (que pode significar cão ágil ou ensino do bom cão), que estava localizado na periferia de Atenas, onde Antístenes, (entre os séculos IV e III a.C.), precursor do movimento, ensinava. A palavra “cínico” (*kynikós*) vem de “cão” (*kyon*), e quer dizer “próprio de um cão”. Seguindo o exemplo canino, os cínicos se tornaram famosos por sua mordacidade que trazia a franqueza no uso da palavra seja com quem for; não deixando de criticar os homens frouxos nem de exortá-los à vida virtuosa. Os cães, assim como os outros animais, servem de modelo para os cínicos por conta da conduta livre e despreocupada do julgamento alheio. Também eles invejavam as bestas pelo fato de absorverem o presente em sua pureza e plenitude, sem nostalgia do passado e imaginação do futuro. Embora constrangidos a se dobrar aos caprichos da Fortuna, os cínicos se recusavam a viver em medo constante da morte ou dos castigos dos deuses e do Hades. Por isso, também admiravam os animais por não terem nenhuma ideia de um deus que pode recompensar e punir.

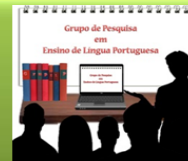
Diferentemente da noção moderna de cinismo, o cinismo vulgar que sacrifica a ética pelo proveito econômico, os filósofos cães defendiam uma coerência entre o pensamento e a ação totalmente avessa à complicação e o artifício das convenções sociais (família, educação, estado, religião), já que estas afastariam o ser humano da simplicidade e da espontaneidade natural para condená-lo ao mundo do palco social que impõem condutas ou maneiras de ser que limitam a liberdade individual. Mas, ao propor uma animalização da existência, os cínicos não deixavam de ser racionais já que sujeitavam suas propostas às necessidades básicas e ao cânon realista, que correspondem a uma volta à natureza. Eles buscavam alcançar a felicidade por meio da **ataraxia**, que, ao contrário do que se imagina não significa a perda total de sentimentos, mas um exercício espiritual ou ascese na qual o filósofo se fortalece ao superar as circunstâncias consideradas negativas e temidas por todos, de modo a não permitir que nada jamais perturbe a paz de sua alma, pois o verdadeiro cínico nunca se deixava



perturbar por algum problema, opinião ou crença. E este tipo de sabedoria, que será fundamental para a filosofia estoica e epicurista, não seria privilégio de uma elite em particular, não estaria destinada a uma casta de origem nobre, mas a todos aqueles que estariam dispostos a contentar-se consigo mesmos, pois cada indivíduo, ao conhecer as suas necessidades naturais, conseguiria negar os falsos desejos, as falsas necessidades para alcançar a sua própria autonomia, ou seja, fazer a sua própria norma ao invés de sujeitar-se a normas impostas por outros.

Entre os filósofos que praticaram o cinismo, Diógenes de Sinope (que viveu entre os séculos IV e III a.C.), discípulo de Antístenes, é considerado o máximo expoente desta corrente filosófica. Ele é lembrado como primeiro cínico declarado, reconhecido pelo apelativo de Cão, desde Aristóteles, em **Retórica** (2010). Embora já acumulasse a fama de filósofo em Atenas quando seu pai Icesio fora acusado de adulterar a moeda legal de Sinope, Diógenes utilizará o episódio de forma metafórica, denominando-se adúlterador das normas ou leis correntes, já que moeda em grego é *nomisma*, palavra que deriva de *nómos* que significa usos ou costumes. Segundo alguns escritores e intelectuais da antiguidade, ele foi o primeiro a morar em uma ânfora, a dobrar o manto para dormir e enfrentar o frio, também se prevenia de um alforje onde levava comida e de uma tigela para beber água, bem como de um bastão para se apoiar e se proteger. No verão, deitava e rolava sobre a areia quente e no inverno abraçava as estátuas cobertas de neve, acostumando-se de todos os modos ao sofrimento. Certa vez foi capturado durante uma viagem a Egina por piratas que o fizeram cativo para vendê-lo como escravo e, ao lhe perguntarem o que sabia fazer, o filósofo teria respondido apenas que sabia mandar nos homens e pediu para que anunciassem ao público si alguém queria comprar um senhor.

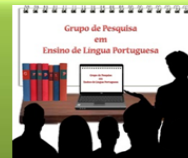
A independência e a liberdade para falar são duas características marcantes do cinismo antigo. Em sua luta contra a arbitrariedade da cultura promovida pelo Estado, a religião e os moralistas, recusavam-se a trabalhar, a se casar, criar filhos e a defender a pátria, para dedicar-se somente à filosofia. Entendiam que homens e mulheres são iguais e podem ter as mesmas virtudes. A única pátria que aceitavam era a do cosmos. Também acreditavam que o prazer só pode ser condenável se diminui a liberdade individual. A propósito, para eles um desejo não é, em princípio, diferente de qualquer outro, pois é a cultura que cria uma hierarquia de desejos e as propriedades que governam a sua satisfação. Por isso, Diógenes se masturbava na Ágora ateniense como



se estivesse coçando o pé e dizia que era uma pena que não podia esfregar a barriga para satisfazer sua fome. A fim de manifestar a sua autonomia em relação ao poder, o filósofo chegou a desdenhar Alexandre Magno, o grande. A lenda relata que o imperador teria solicitado ao Cão que pedisse o que quisesse, que ele assim o faria. Mas o cínico de Sinope, que tomava sol sem se alterar com a imponência do imperador, teria pedido, simplesmente, que Alexandre saísse de sua frente porque estava projetando sombra. O cão também zombava muito da filosofia platônica e seu idealismo. Certa vez, para ridicularizar o filósofo dos conceitos universais, lançou aos pés de Platão um galo despenado enquanto este definia o ser humano como um “bípede sem plumas”. Ao contrário da filosofia idealista, Diógenes defenderá uma moral como construção imanente, humana e relativa, não subordinada nem ao sagrado nem ao mundo das leis sociais. Em sua defesa da animalização da existência chega a desmitificar os tabus culturais tidos como universais, como canibalismo, incesto, omofagia, bem como repudia o uso da sepultura.

2 SÁTIRA MENIPÉIA

Os cínicos, como se pode perceber pela atuação de Diógenes, utilizavam-se da provocação, da ironia e por vezes do sarcasmo para atingir os seus interlocutores, sejam eles quem fossem, a fim de poder extirpar os vícios. Eles foram os primeiros, segundo José A. Martín García (2008, p. 32) a usarem do riso para ensinar a moral, bem como a misturar o sério com o cômico. A vida dos cães deu origem a um gênero literário denominado “*serio-cômico*” (*spoudogélion*), porque utilizava a burla como veículo para atingir o sério. A versatilidade permitiu a esse gênero adotar variadas formas literárias e fez que a influência e o alcance da filosofia cínica na literatura não tivessem precedentes. A primeira referência conhecida do termo será atribuída a Menipo de Gadara, como já se disse, um dos mais notórios expoentes literários nos séculos IV-III a.C., que ficará conhecido como o inventor da sátira menipéia. As imitações e adaptações da obra de Menipo por Varrão (século I a.C.) e por Luciano de Samósata (século II d.C.) no *Icaromenipo* (1997), no *Menipo* (1997) e nos **Diálogos dos mortos** (1996) deram às formas **menipéias** uma sobrevida longa e influente na Antiguidade e no Renascimento, fazendo do cinismo uma das fontes primárias da literatura satírica na Europa. A *menipéia*, como subgênero do cômico, atraiu a atenção de muitos escritores

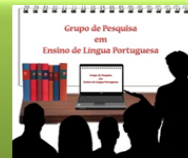


espanhóis do século XVI e XVII, e entre as obras que seguiram seus preceitos estariam, segundo Luisa López Grigera (2004, p. 27), o romance picaresco em geral, os *Sueños* e *La hora de todos*, de Quevedo, a *Gatomaquia*, de Lope de Vega, algumas obras de Juan de Zabaleta, de Francisco Santos, entre muitas e muitas outras.

A sátira menipeia se caracterizará por zombar coisas sérias (normas sociais, filosofia, mitos, crenças), mas não chega a burlar tudo o que é sério, pois mantém a distinção entre o honesto e o desonesto, entre o sério e o cômico, como se pode perceber neste raro fragmento chamado “*Epístola a los propietarios del zurrón*” que, segundo o compilador de textos cínicos, Martín García (2008, p. 599), deve ter pertencido ao livro de Menipo denominado *Epístolas figuradamente compuestas por los dioses en persona*:

Obrad rectamente pasando hambre, sed y frío y durmiente en el suelo, porque es lo que dispone la ley de Diógenes, quien escribió en conformidad con Licurgo, el legislador de los lacedemonios. Y si alguno de vosotros la desoye, será entregado a la enfermedad, al mal de ojo, al pesar y a todos los males de esa clase. Y se adueñarán de ellos la gota, ronqueras y ventosidades, como truenos, por abajo, porque profanaron la ley justa y divina del Sinopense (MARTÍN GARCÍA, 2008, p. 599).

Este trecho permite reavaliar a concepção difundida por Diógenes Laércio de que a literatura de Menipo se caracterizaria por burlar tudo o que é sério, visto que, apesar do humor descarado, este não incide sobre a doutrina cínica. Esta distinção, como se verá adiante, não será mantida pela picaresca. Por outro lado, não há dúvida que a tradição da menipeia influenciou o romance picaresco ao propor uma desconfiança nos valores assignados para o real pelas convenções da sociedade. A subversão das regras propostas pelos cínicos vitupera, como afirma Michel Onfray (1990, p. 110), que aqui será seguido de perto, a submissão da ética aos preceitos utilitaristas para submetê-la à prova do lúdico. Esta busca uma transformação dos valores ao aproximar a moral às regras do jogo que regulam as festas. Os cínicos sabiam que o ser humano é mais autêntico nos momentos de liberdade e de êxtase. Eles pretendiam fazer do cotidiano uma festa, como nas antigas saturnais onde toda lei ficava abolida e nada estava proibido. A propósito, nas saturnais, muito apreciadas por Diógenes de Sinope, segundo Michel Onfray (1990, p. 110-111) havia subversões autorizadas: os escravos ficavam liberados e gozavam de independência durante as festividades. E os serviçais se transformavam em amos e se faziam servir pelos seus patrões. Esta tradição festiva que subverte momentaneamente os costumes sociais

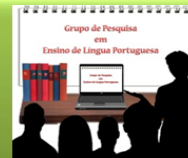


chegou até nós por meio do carnaval. Ela acabará por influenciar a elaboração da picaresca ao estabelecer o paradoxo do mundo ao avesso.

Ao propor uma carnavalização da existência, a subversão propostas pelos cínicos põe também do avesso a **Poética**, de Aristóteles, pois a imitação, como o filósofo a definiu, poderia ser de homens virtuosos ou viciosos e cada um desses tipos podia ser imitado como é, melhor do que é, ou pior do que é. Seguindo essa técnica do enaltecimento, os artistas desde a antiguidade haviam “imitado” seus personagens, tanto na literatura como na pintura, melhores ou piores que o homem comum; isto é haviam-no aperfeiçoado, como nas peças trágicas em que, para causar comoção, imitava-se os melhores: nobres, príncipes ou heróis, ou, como na comédia, que para causar o riso, representava-se os piores, focalizando as coisas vis e baixas, convenientes ao universo social dos artesões, dos servos e dos parasitas, como os pícaros. Mas o que se percebe nas anedotas de Diógenes é justamente o oposto disso já que aí se imita como sendo melhor do que costumamos ser um vagabundo de vida efêmera e errante, deserdado da fortuna, que mesmo estando em total desamparo, mostra toda a grandeza de sua condição humana, a ponto de vituperar com liberdade e gravidade os homens mais poderosos e influentes da política e da filosofia do seu tempo, como Alexandre, o seu pai Felipe e Platão. Dessa maneira, as anedotas imitam o superior pior do que é, e o inferior melhor do que é, sendo que a diferença básica entre superiores e inferiores procede, neste caso, da virtude do filósofo.

3 PICARESCA

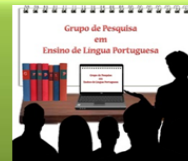
Essa tradição, em boa medida, é respeitada pelos textos de Luciano Samósata que se mantém fiel aos preceitos do cinismo quando permite, por exemplo, aos personagens Menipo, em **Diálogo dos mortos** (1996), e Cinisco, em **Zeus Confundido** (1997), zombarem inadvertidamente dos deuses do Olimpo ou do sofrimento dos ricos e poderosos no mundo dos mortos. Embora zombem de coisas sérias (normas sociais, filosofia, mitos, crenças) e de seres considerados superiores, os personagens de Luciano não chegam a burlar a si mesmos nem a filosofia cínica, ou seja, não burlam tudo o que é sério. Dessa maneira, eles conservam a distinção entre o honesto e o desonesto, entre o sério e o cômico. Entretanto, a situação é mais complexa no caso da pícara porque nela não se enaltece a pobreza do sábio que vitupera as amarras do sistema, mas, ao



contrário, elogia-se o desonesto, o cinismo no sentido vulgar e moderno em que qualquer meio passa a ser adequado para subir na vida.

Paradigmático desse procedimento pode ser *Lazarillo de Tormes* (1996), romance picaresco do século XVI, pioneiro no gênero, em que Lázaro, o protagonista, é acusado de compartilhar a sua mulher com o arcipreste São Salvador, delito que é penalizado pelas leis eclesiásticas e civis do período. Um Vossa Mercê pede a Lázaro que “*escriba y relate el caso muy por extenso*” (ANÓNIMO, 1966, p. 84). Este romance é uma autobiografia fictícia que se estrutura na forma de cartas, ou seja, em um diálogo parcial já que só estão acessíveis ao leitor as missivas de Lázaro. O romance é uma autobiografia fictícia e pode ser definido como uma epístola de descargo (que libera do castigo) ou deprecatória (que roga ou suplica), as duas próprias do gênero judicial, em que aquele que escreve admite sua culpa, mas a atenua atribuindo a responsabilidade a outros fatores: pouca idade, imprudência, péssima educação e carência de recursos a fim de pedir clemência e compreensão. Existe aí, portanto, uma controvérsia legal com uma acusação e uma defesa para mover os jurados a tomarem uma decisão sobre o “caso”. Como se trata de uma causa torpe, ou seja, que não é aceita pela comunidade, Lázaro se defenderá acusando seus amos e as circunstâncias em que viveu e, por outro lado, enaltecerá a si e aos seus. Desta maneira, o romance entrecruza dois gêneros retóricos: o jurídico, por conta da causa judicial, e o demonstrativo, por conta dos elogios e vitupérios que Lázaro fará uso em sua defesa. Com isso, ele pretende mostrar ao júri, como explicita no começo de sua história, “*cuánta virtude sea saber los hombres subir siendo bajos, y dejarse bajar siendo altos cuánto vicio*” (ANÓNIMO, 1966, p. 86).

Para concretizar sua defesa, Lázaro busca desde o primeiro momento, como demonstrou Luísa López Grigera (1998, p. 88) aplicar a si mesmo e aos seus familiares a metáfora enaltecedora: enaltece seu pai que, ao ser preso por roubo, “*confesó y no negó y padeció persecución por justicia*” (ANÓNIMO, 1966, p. 85), morrendo no exílio para “*ensalzar la fé*” (ANÓNIMO, 1966, p. 86) ao lutar contra os mouros. Elogia a sua mãe viúva, que foi viver com os bons “*por ser uno de ellos*” (ANÓNIMO, 1966, p. 85); enaltece também o Zaide, seu padrasto, chamado de “*pobre esclavo*” (ANÓNIMO, 1966, p. 85) que, para alimentar o filho, surrupiava cereais e fazia pequenos furtos porque o “*amor le animaba a eso*” (ANÓNIMO, 1966, p. 85). Enaltece a si mesmo por ter alcançado o “*oficio real*” (ANÓNIMO, 1966, p. 110) de apregoador dos delitos da justiça; e a sua própria mulher, jurando que ela “*es tan buena mujer como vive dentro de*



las puertas de Toledo” (ANÓNIMO, 1966, p. 111), pois estaria entre as melhores que aí vivem, apesar da acusação que pesa contra ela de cometer adultério com o arcipreste.

Por outro lado rebaixa os superiores, mostrando os vícios e torpezas de religiosos e nobres, como se disse. Como afirma Marcos Coronel Ramos (2006, p. 44-45), o romance apresenta um mundo dominado pela avareza e cobiça. Por esses pecados os amos de Lázaro, tanto o primeiro deles, o cego, como os demais religiosos serão condenados pelo protagonista de forma contundente mais do que o escudeiro, nobre empobrecido, já que seu pecado, não será o da cobiça, mas o de presunção. Por isso, conclui Lázaro: *“aquellos es justo desamar, y aquéste de haber mancilla [pena]”* (ANÓNIMO, 1966, p. 101). Esta mesma compreensão merecerá o seu padraсто Zaide que rouba para manter sua família. Em última instância, o escudeiro ou o Zaide tratam de sobreviver em uma sociedade injusta, aquele fingindo ser o que não é ao aparentar ser nobre sem ter um tostão furado e, este, tratando de conseguir o que não tem com uma finalidade nobre. Lázaro só não perdoa a Igreja, chegando a afirmar que o mesmo Zaide tem mais dignidade que qualquer padre ou frade, dado que este rouba para alimentar aos seus filhos, mas o padre *“hurta de los pobres” para si mesmo e, o frade, rouba de seu convento “para sus devotas”* (ANÓNIMO, 1966, p. 85).

A pobreza e seus efeitos sociopolíticos é o fator que ocasiona todas estas circunstâncias e parece o elemento essencial da interpretação da obra. É ela que justifica o cinismo vulgar de Lázaro que para, garantir a sobrevivência, aceita até a desonra de ser cornudo. Lázaro passa por ser um desgraçado que, de forma astuta, encontrou um método para viver com certa tranquilidade. Esta mesma compreensão se pode utilizar para a sua mulher, personagem secundário que, também para subsistir, mantém relações com o arcipreste desde antes de se casar com Lázaro. Por isso, o cinismo vulgar do clérigo será duramente vituperado, pois, como afirma Coronel Ramos (2006, p. 46): ele seria o luxurioso a se deitar com uma mulher sem estar casado; o hipócrita que não respeita seus votos sacerdotais; o manipulador que casa a jovem com Lázaro para tranquilizar os rumores, sendo, enfim, aquele que condensa o espírito antievangélico.

O romance faz uso da metáfora do mundo ao avesso ao imitar o superior pior do que é, e o inferior melhor do que é, embora a diferença entre eles, ao contrário da menipéia, não proceda da virtude, mas da posição social ocupada na sociedade. E até mesmo a técnica do enaltecimento posta na boca do pícaro resulta paradoxal, já que ele não pode ser levado à sério sem ressalvas devido às circunstâncias vulgares nas quais

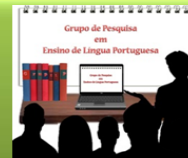


está inserido. Ao contrário da filosofia e da literatura cínicas que mantinham a distinção entre o sério e o cômico, entre o antídoto e o veneno, a história de Lázaro, ao levar a sério o desonesto, desemboca numa indistinção entre o bem e o mal. Dignificar o vulgar só terá sentido como contraexemplo, procedimento que adquire sua eficácia edificante ao fazer uso do próprio veneno que condena.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo esperado pelos pícaros não é mais o da sabedoria cínica que buscava derrubar as máscaras da civilização, propondo o regresso ao estado de natureza, nem o paraíso do céu católico, mas o da melhora social no mundo dos vivos. Como afirma Coronel Ramos (2006, p. 47), que aqui está sendo seguido de perto, a igualdade dos homens se produz, então, na origem e não na morte. Partindo dessa lógica, eles almejam se aproveitar das injustiças para progredir socialmente. Primeiramente, testemunham o cinismo vulgar presente na sociedade, em que os fins justificam os meios, pois a verdade se confunde com o sucesso social, para depois pô-lo em prática de forma insolente. Por isso, Lázaro se integra na sociedade se aliando com a Igreja, ao compartilhar sua mulher com o arcebispo São Salvador, e com a justiça, ao se dedicar ao ofício de apregoador de delitos. Isso parece controverso se se considera que durante todo o romance ele não faz outra coisa senão condenar os vícios de uma sociedade sem solidariedade. Entretanto, o maior vitupério do livro se materializa na própria vida de Lázaro ao mostrar que a única oportunidade de um pobre progredir em uma sociedade dominada pela cobiça e pela soberba é acabar cornudo e apregoador de delitos.

Para findar, se o cinismo antigo afirmou a virtude como um estado natural acessível a todos e demonstrou a sua descrença total no palco social dos grupos privilegiados que deveriam ser os mantenedores da justiça e da harmonia, o pícaro Lazarillo, ao contrário, ao invés de negar o mundo como teatro cômico, representado pelo afã desmedido de poder, dinheiro e honra de nobres e religiosos, adapta-se a ele com os poucos recursos que possui, praticando o cinismo vulgar que pode abranger a todos os estratos da sociedade espanhola. O bufão ético da filosofia cínica e da sátira menipeia cede espaço para o bufão imoral da pícaro que, de forma astuta, põe o mundo do avesso ao fazer o elogio do vil e do desonesto em verso e prosa.



FILOSOFÍA CÍNICA Y LITERATURA PICARESCA: del cinismo filosófico al cinismo vulgar

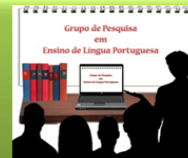
RESUMEN

Teniendo en cuenta la perspectiva abierta por el Renacimiento en su afán por adaptar las filosofías paganas al mundo cristiano, se pueden notar rasgos de la filosofía cínica en la práctica literaria de algunos escritores e intelectuales españoles de los siglos XVI y XVII. En el periodo, la aproximación con la filosofía de los cínicos se da por intermedio de la sátira menipea, género literario que, al misturar lo serio y lo cómico, acaba siendo el precursor de la novela pícara. Como el propio nombre indica, este tipo de sátira tiene su origen en los discursos cínicos de Menipo de Gadara (de la primera mitad del siglo III a.C.), que recibe el reconocimiento de haber inventado la menipea. Menipo es el más famoso cínico de la Grecia antigua después de Antístenes, Diógenes y Crates. Para analizar la cuestión, este estudio toma como referencia la novela anónima *Lazarillo de Tormes* (1554), primera obra de ficción del género pícaro a ser escrita en España. Aunque haya una influencia de la menipea en la elaboración de la picaresca, este artículo tiene la intención de analizar como la novela pícara modifica los valores del cinismo antiguo al sustituirlo por el cinismo vulgar o mundano, forma moderna de cinismo que sacrifica todo lo que es ético por la búsqueda de ascensión social.

Palabras-clave: *Novela Picaresca. Sátira menipea. Cinismo filosófico y vulgar.*

REFERÊNCIAS

- ANÓNIMO. *Lazarillo de Tormes*. In: VALBUENA Y PRAT, Á. *La novela picaresca*. Madrid: Aguilar, 1966. p. 83-111.
- ANTONIO CORONEL, M. “Estructuras satíricas en los relatos picarescos”. In: VAÍLLO, C.; VALDÉS, R. (Eds.). *Estudios sobre la sátira española en el siglo de oro*. Madrid: Castalia, 2006.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Edición trilingüe. Tradução de. Valentín García Yebra. Madrid: Gredos, 2010.
- GOULET-CAZÉ, M.-O.; BRANHAM, B. (Orgs.). *Os Cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. Tradução de Cecília Carmargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2007.
- LÓPEZ GRIGERA, L. “Aristóteles e a arte da jácara”. In: LÓPEZ GRIGERA, L. *Anotações de Quevedo à Retórica de Aristóteles*. Tradução de Cássio Borges. Campinas: Unicamp, 2008.
- LUCIANO. *Diálogo dos mortos*. Tradução de Maria C. C. Dezotti. São Paulo: Hucitec, 1996.



LUCIANO. **Obras**. Obra completa. Madrid: Editorial Gredos, 1997.

MARTÍN GARCÍA, J. A. *Los filósofos cínicos y la literatura moral serioburlesca*. Madrid: Akal, 2008.

ONFRAY, M. *Cynismes: Portrait du philosophe en chien*. Paris: Grasset et Fasquelle, 1990.

Como referenciar este artigo científico:

PAULI JÚNIOR, Edelberto. Filosofia dos Cães e Literatura Picaresca: do cinismo filosófico ao cinismo vulgar. In: DORNELES, Marcos Rogério Heck; FONSECA, Janaína Zaidan Bicalho (Coords.). SIMPÓSIO NACIONAL DE LÍNGUAS E LITERATURAS, 1., 2014, Aquidauana; ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA E FILOSOFIA, 1., 2014, Aquidauana. **Anais eletrônicos...** Aquidauana: MCElestiné, 2015. p. 198-208.